

CORAÇÃO DIAMANTE

Presepada em Dois Atos e Uma Chegança

De Luis Carlos Ribeiro dos Santos

(dito Luiz Carlos Laranjeiras)

*Ao meu filho Thiago “Mairum” Arruda Ribeiro dos Santos,
parceiro, guia e inspiração da minha vida,
por me ensinar a olhar com curiosidade e espanto
as coisas visíveis e ocultas do grande livro do mundo.*

Teatro da Roda Dança – Teatro Musical – Palco e Rua

Teatro para a infância e a juventude

Novembro – 2007

PERSONAGENS *

NARRADOR 1

NARRADOR 2

ATOR 1

ATOR 2

ATRIZ 1

ATRIZ 2

ATOR 3 – bala perdida; ator-objeto.

MARIA – mamulengo; 50 cm da cabeça à barra da luva/camisolão ou roupa; talhado em cortiça, mulungu ou outra madeira ou material leve; boneco e atriz.

JOÃO PEDRO – mamulengo; boneco e ator.

RAPAZES (3) – figuras dos pensamentos de Maria; bonecos de sombras coloridas, silhuetas animadas atrás de uma tela translúcida iluminada por um foco de luz; silhuetas e atores.

ALCEBÍADES – pai de Maria; mamulengo; boneco e ator.

IEDA – mãe de Maria; mamulengo; boneco e atriz.

INÉZIA – empregada; mamulengo; boneco e atriz.

BARBOSA – dono da mercearia; boneco marote: boneco maior que o mamulengo, animado diretamente, em que uma das mãos do ator articula a boca do boneco, na vara central da cabeça, e a outra mão do ator é a própria mão do boneco; ator e boneco.

FARAH – dono da loja; boneco marote e ator.

BERGMANN – banqueiro; boneco marote e ator.

Dr. MIRANDA – advogado; boneco marote e ator.

FÁTIMA – amiga de Maria; mamulengo; boneco e atriz.

INÊS – amiga de Maria; mamulengo; boneco e atriz.

CRISTINA – amiga de Maria; mamulengo; boneco e atriz.

CARVALHO – dono da pensão; ator.

RAPAZES (3) – hóspedes da pensão; atores.

TADEU – amigo de João Pedro; ator e mamulengo.

SANTIAGO – amigo de João Pedro; ator e mamulengo.

OROZIMBÃO – general grotesco e bizarro, gordo, com peruca e um porrete; ator e mamulengo.

OROZIMBUCHO – filho mais velho do general; alto e magro; ator e mamulengo.

OROZIMBINHO – filho mais novo; gordo e baixo; ator e mamulengo.

CUPINS (2) – bonecos “aéreos”, construídos na ponta de varas de pesca, manipulados por 2 atores, com movimentos de asas, olhos e cabeças, animados com fios de *nylon* na base do caniço; leveza e variedade de movimentos.

PICA-PAUS (2) – bonecos construídos e manipulados como os cupins.

PEQUENOS JORNALEIROS (3) – atores-jornais, com placas de anúncios no pescoço; atores-cartazes, com uma folha de jornal com um círculo vazado no meio, onde o ator põe o rosto e se transforma em cartaz.

MOÇO DO CHAPÉU – ator músico, violão.

MÚSICOS (3) – violão e outras cordas, flauta e outros sopros, zabumba, pandeiro, ganzá e percussão em geral e canto; vestidos com fardas e casacas brancas de marinheiros, capitães, almirantes e mestres, os músicos navegantes ora ficam ao lado da tenda dos bonecos, ora no canto do palco, sentados ou em pé.

** Os “acentos musicais” indicados nas rubricas são “comentários” sonoros cômicos sobre o texto, intervenções musicais dramáticas que marcam uma fala, uma situação ou uma ação na tessitura da intriga.*

** As indicações “ator e boneco” significam que os personagens são ora atores ora bonecos, duplos, com o mesmo figurino, voz, movimentos e trejeitos.*

** Ator-objeto é a interação entre ator e personagem-objeto, em que o ator anima um objeto, a bala perdida pequena, e o seu corpo é também o objeto ampliado: a bala perdida grande.*

** A tenda dos bonecos tem duas escadas laterais e acima, uma janela ou moldura, como uma empanada, para a manipulação dos mamulengos. A tenda é inspirada nos “títeres de porta”, com uma colcha estendida numa porta aberta, dividindo o espaço entre os bonecos, acima, e os animadores brincantes, abaixo da colcha. Uma tela translúcida no fundo da janela, iluminada por um foco de luz, é usada para a animação dos bonecos de sombra, as silhuetas.*

** Há cortes rápidos nas passagens do plano dos bonecos na tenda para o plano dos atores no palco, em que os deslocamentos do ambiente da intriga são marcados e indicados pela iluminação, a música, as ações e/ou os diálogos; de acordo com as rubricas.*



MÚSICAS *

NA RODA DANÇA DO MUNDO – samba, vocal e instrumental.

ZUMZUM – samba-de-roda, cantado e instrumental.

MELODRAMA – serenata, instrumental.

CORAÇÃO DIAMANTE – xote, vocal e instrumental.

FORMOSA – cantiga de roda, vocal e instrumental.

QUERER – canção romântica, instrumental.

BALADA DO ABANDONO – canção cigana, vocal e instrumental.

PALOMITA – tango, instrumental.

BEIJINHO DOCE – valsa, instrumental.

PEGA NA CINTURA DELA – baião, cantado e instrumental.

PICA-PAU – maxixe, instrumental.

NAS ONDAS DO MAR – côco, cantado e instrumental.

SAUDADE – marcha-rancho, vocal e instrumental.

** Letras e músicas do autor.*

ÁIÁ, MEU LENÇO** – côco da Paraíba.

TRÊS CÔCOS** – côco da Paraíba.

CÔCO DENDÊ, TRAPIÁ** – côco da Paraíba.

ALECRIM**

O TREM DE FERRO**

*** Cancioneiro popular brasileiro; cantigas, danças e brincadeiras de roda; domínio público.*

PRÓLOGO

Chegança

Numa barca grande, feita com um pano vermelho comprido dobrado ao meio, os atores navegantes entram cantando o samba NA RODA DANÇA DO MUNDO, vestidos com roupas e casacas brancas de marinheiros, capitães, mestres e almirantes, e trazem lunetas, mapas, baús, malas, máscaras e objetos. Como a vela no meio da barca, um estandarte branco e vermelho com os dizeres: “Teatro do Mundo – Teatro da Roda Dança – Presepadas, Música, Teatro, Dança e Muito Rebuliço – Bonecos e Atores de Carne e Osso – Mais Osso que Carne – O Mundo Gira e o Teatro da Roda Dança”.

Lá vem o Teatro da Roda Dança!

A barca do Teatro do Mundo vai ancorar!

Na roda dança tem criança,

Na dança de roda tem piá! *(bis)*

Abre a roda dança que pra sua alegria,

O Teatro do Mundo chegou nessas bandas

Pra contar histórias de amor e folia.

Na roda dança do mundo tem côco, samba e ciranda! *(bis)*

O teatro é mais que espelho,

É lente de aumento, é janela.

É colocar cravo vermelho

Bonitinho na lapela

Pra dançar de madrugada

Com a morena mais bela. *(bis)*

O teatro é o grande livro do mundo,
O vento forte na vela,
É a sorte e um ano num segundo,
Um mundo novo que se revela.
É uma grande presepada,
É a vida e o absurdo,
É rir de uma topada.
É o fato, a fita e a novela,
O mito, a lenda e o conto de fada. *(bis)*

Terra à vista! Abaixa a vela! Olha a chegada!
O Teatro do Mundo navegou na barca grande!
O mundo gira e o Teatro da Roda Dança.
Cheguei de longe, sou brincante navegante! *(bis)*

O Teatro do Mundo não dá o pão, mas mata a fome,
Com uma canção e contos de terras distantes. *(bis)*

Os NARRADORES 1 e 2, Capitão e Mestre, conduzem o prólogo, com apitos e um "bastão de Molière" cada um, e falam na pulsação do samba, instrumental, tocado com garfos, colheres, pratos, facas, raladores, etc., samba de batucada, carioca ou baiano, de desafio na poesia e no pé. Todos dançam de frente para o público.

NARRADOR 1 – Respeitável público! O Teatro do Mundo traz seu estandarte nesse palco com alegria! Levanta a bandeira, sobe o pavilhão! Hoje tem rebuliço, tem besteira e tem confusão! O teatro sem medo e com esperança! O Teatro do Mundo! O Teatro da Roda Dança!

TODOS *(dançando, em três tempos do samba)* – Teatro da Roda Dança *(fazem um gesto)* Teatro da Roda Dança! *(fazem outro gesto)* Teatro da Roda Dança!

O samba pára e todos param num gesto, compondo uma imagem da chegada dos atores navegantes para o público. O narrador 1 dá um apito e o samba volta, instrumental, pontuando a narração, enquanto os atores desmontam a barca e montam a tenda dos bonecos, que é escondida do público por uma cortina. O estandarte é colocado na lateral do palco, onde ficam os músicos, de frente para o público.

NARRADOR 2 – Somos atores brincantes navegantes! Chegamos de longe para alegrar seus corações! *(ao público)* Você, menina, tira o dedo do nariz! Se vai ter festa no salão, avise ao seu João! E você, menino, o coração bate forte por essa menina aí? O tique taque do seu coração bate tão alto que eu escuto daqui. *(na batida do samba)* Tique taque, tique taque, tique taque. Ziriguidum! É tanta emoção nesse baticum! No coração dela cabe mais um? *(o samba pára)*

Entram pela platéia 2 CUPINS e 2 PICA-PAUS, “bonecos aéreos”, em varas de pesca, e sobrevoam o público. Começa o samba-de-roda ZUMZUM, cantado e com palmas.

(refrão) Zumzumzum!

Zumzum êh!

Bate bico, bate bicão

Seu olho vai comer! *(bis)*

Xô, cupim!

Xô, pica-pau!

Sai do oco do pau

Vai pra longe de mim! *(bis)*

Diz que bicho que come madeira
Também come os olhos de quem é mau.
Menino traquina, deixa de mentira e de fazer besteira,
Não seja sonso e nem santo do pau oco,
Senão na hora de cair no sono,
Seus olhos serão comidos pelo cupim e o pica-pau! (*bis; refrão*)

NARRADOR 1 – Saiam daqui, cupins, baratas, percevejos, besouros, aranhas e insetos desse teatro! Parem seus bicos, pica-paus! Xô, cupins! Saiam que o bem e o mal travarão nesse palco um embate de morte. (*os cupins e pica-paus saem pelo palco; o samba pára; a alguém na platéia*) E o senhor, não pense nas finanças e esqueça as preocupações econômicas. O dinheiro anda curto e a sua mulher gasta muito?

NARRADOR 2 – Deixe de lamentar em pensamentos dos impostos do governo!

NARRADOR 1 – Respeitável público! (*volta o samba NA RODA DANÇA DO MUNDO, instrumental*) Aguardando um convite oficial para se apresentar no grande Teatro de Tegucigalpa e no Teatro Real de Salamanca.

NARRADOR 2 – Depois de temporadas com sucessos estrondosos em Itaquaquecetuba, Quixeramobim, Xique-Xique. Bole-Bole e Piuim...

NARRADOR 1 – Cascadura, Jacarepaguá, Pirituba, Camará, Inhaúma, Poá...

NARRADOR 2 – Jabaquara, Ubá, Itacoatiara, Birigui...

NARRADOR 1 – Jericoacara, Itaguai, Aiuruoca, Baependi, Itapipoca, Suassui...

NARRADOR 2 – Bangu, Itaoca, Caxambu, Ibicui, Itu, Jandira, Madureira e Araraquara...

NARRADOR 1 – O famoso... (*acento musical*)

NARRADOR 2 – O premiado...

NARRADOR 1 – Laureado e estrelado. (*acento musical*)

NARRADOR 2 – O municipal...

NARRADOR 1 – Estadual, nacional...

NARRADOR 2 – O internacional... *(acento musical; com o narrador 1)* Teatro do Mundo!

TODOS *(na pulsação do samba, 3 vezes)* – Teatro do Mundo! Teatro do Mundo! Teatro do Mundo! *(a música pára e os atores param num gesto, fixando outra imagem para o público)*

NARRADOR 1 – O Teatro do Mundo tem em seu repertório, comédias! *(acento musical)*

Em movimentos lentíssimos e sincronizados, os atores fazem a máscara da comédia, dão uma cambalhota para a boca de cena e, com caretas e um riso mudo, apontam para o público e ficam imóveis.

NARRADOR 2 – Tragédias! *(acento musical)*

Os atores fazem a máscara da tragédia e se afastam em movimentos lentos e marcados para o centro do palco, num gemido breve e uníssono de dor, e ficam imóveis.

NARRADOR 1 – Melodramas!

Começa a serenata MELODRAMA, instrumental, com violão. O ATOR 1 e a ATRIZ 1, ele mais baixo que ela, vão ao centro do palco e suas vozes são dubladas por outros 2 atores, sem sincronia, como nas dublagens dos dramalhões mexicanos; ela, com voz fina, ele, com voz grossa. Os outros assistem e vibram como uma torcida de futebol, num bloco compacto, com expressões faciais e gestos exagerados, em movimentos lentos e marcados.

ATOR 1 *(ajoelha)* – Dolores Catarina Fernandes Januária Robledo Cantuária de Bourbon y Toledo. Já se passaram 72 capítulos da novela e eu ainda não consegui te dar um beijo. *(à parte)* Eu “amo ela”! *(acento musical; todos riem; para a atriz)* O autor quer que a distância entre nós seja um abismo intransponível? Tenho que cair na lama e só te beijar no último capítulo desse drama?

ATRIZ 1 – Roberto Carlos Armando Nascimento Filho Peralta, o nosso amor é impossível.

Mamãe e papai não querem que case contigo. Dizem que um homem sem dote não é ninguém. *(suspira)* Vou passar fome casando com alguém sem um vintém?

ATOR 1 – Não! A gente come feijão, farinha e jerimum... Dois podem comer onde come um. De que vale o dinheiro? E o meu apreço? Meu amor é verdadeiro, não tem preço. Dolores, florzinha de jenipapo, minha donzela, se o seu pai não me aceitar e você se conformar, o meu amor por “ti gela...” *(acento musical; todos riem)*

ATRIZ 1 – Não diga isso, meu Ramon.

ATOR 1 *(ajoelha)* – Dolores, que fossa. Eu quero “amá-la”, mas não posso. *(acento musical; todos riem)*

ATRIZ 1 – Se o nosso destino não for o casamento, desatino. Não agüento. *(chora)*

ATOR 1 *(segura a mão dela)* – Também não sei se agüento mais 50 capítulos pra te dar um beijo. *(à parte, baixinho)* Quero beijar a “boca dela...” *(acento musical; todos riem)* O que faço com tanto desejo? *(levanta, puxa um punhal e o leva lentamente ao peito)* Sou um sujeito sem tino e sem sorte, se não caso contigo, resta a morte!

TODOS *(gritam em uníssono)* – Não! *(o ator pára o punhal no ar; suspense)*

ATRIZ *(grita)* – Não! Ramon! Seja o que Deus quiser!

Os dois se aproximam e simulam um beijo. Os atores acompanham com expressões faciais exageradas e fazem o som do beijo alto, em uníssono. Ela o pega no colo e, depois, os dois vão para junto dos outros. A serenata pára.

NARRADOR 1 – Depois da demonstração do talento melodramático do nosso elenco, temos o prazer de apresentar... *(apita e fala com o narrador 2)* Coração Diamante! *(começa o xote CORAÇÃO DIAMANTE; fala na pulsação do xote)* Era uma vez...

NARRADOR 2 – Era outra vez... Diz que era...

NARRADOR 1 – Mais uma vez... *(alto e solene)* Em “priscas eras...”

TODOS – O quê? Onde?

NARRADOR 1 – Em “priscas eras!” Antigamente, há muito tempo... Entenderam?

NARRADOR 2 – A nossa história não se passa em “priscas eras”. É uma história sem tempo. Era, foi e será uma vez...

TODOS (*em tempos diferentes*) – Era, foi e será uma vez... Era e foi mais uma vez...

ATRIZ 2 (*grita, nervosa*) – Hoje eu não vou atuar! Pode parar a música e o espetáculo que hoje eu não trabalho! (*o xote pára*) Ainda não recebi o cachê das últimas apresentações e acabei de entrar em greve! (*cruza os braços*)

TODOS (*cruzando os braços*) – O Teatro do Mundo acaba de entrar em greve!

ATOR 2 (*ao público*) – Senhoras e senhores, passem na bilheteria pra receber o dinheiro dos ingressos. Hoje não tem função! (*ao iluminador*) Acende as luzes da platéia! (*as luzes acendem e todos sentam na boca de cena*)

ATRIZ 2 – Não agüentamos mais trabalhar sem cachê e ainda comer pão com mortadela e tomar guaraná todo dia pra ensaiar! (*tensão entre os atores e o público*)

NARRADOR 1 (*nervoso*) – Tratem de começar a história agora!

TODOS – Não!

ATOR 2 – Pode mandar o público embora que já acabou o espetáculo! (*silêncio*)

ATRIZ 2 – Voltem na próxima semana que hoje não tem função. Não tem cachê, não tem espetáculo. (*expectativa; os atores encaram o público, sérios*)

NARRADOR 2 (*alterado*) – Se não continuarem a apresentação, vou descontar noventa e dois por cento do cachê de cada um! (*pausa; todos levantam resmungando; a luz da platéia apaga*) Respeitável público! Vamos continuar a função! (*apita; volta o xote*) O Teatro do Mundo apresenta... (*com o narrador 1*) Coração Diamante!

Os narradores abrem a cortina e aparece a tenda de bonecos, que tem na frente desenhos e pinturas dos personagens Maria, João Pedro e Orozimão, e os dizeres, em letras luminosas: “O TEATRO DO MUNDO apresenta CORAÇÃO DIAMANTE – Presepada Musical em Dois Atos e Uma Chegança”.

NARRADOR 1 – Era uma vez...

NARRADOR 2 – Foi uma vez...

TODOS – Era, foi e será uma vez... *(interrompem)* Uma bala perdida!

O xote pára e todos ficam imóveis. Entra o ATOR 3, ator-objeto, vestido como uma bala perdida grande, com uma bala perdida pequena na mão. A trajetória do ator-bala perdida é pontuada por intervenções sonoras, como uma dança coletiva com movimentos em “câmera lenta”, em que a bala passa pelos atores, que reagem com gestos amplos e marcados, vai e volta de uma lateral a outra do palco e some. Todos se recompõem e a apresentação recomeça.

NARRADOR 2 *(aliviado)* – Ufa! Toda hora é um problema! *(nervoso, aos atores e ao público)* Alguém aí tem mais alguma coisa pra falar ou pra resmungar? Posso começar a história? Depois dessa bala perdida acho que não pode acontecer mais nada. *(alto e solene)* Senhoras e senhores, vai começar a função! *(junto com o narrador 1, dá três apitos e três batidas no chão com o “bastão de Molière”;* volta o xote) Era uma vez... Numa cidade pequena... Pequenina...

NARRADOR 1 – Era outra vez, nos pensamentos de uma menina, um poema.

NARRADOR 2 — Era, foi e será uma vez...

TODOS – Nos pensamentos, poesia...

NARRADOR 1 – No coração, prosa e folia...

TODOS – Era uma vez... Maria.

Os atores saem para manipular os bonecos. Os músicos ficam na lateral do palco tocando e fazendo as intervenções sonoras na tessitura da intriga. A luz fecha no palco. O xote continua, instrumental, e faz a passagem do fim do prólogo para o início do primeiro ato.

PRIMEIRO ATO

A luz abre na tenda e aparece Maria, mamulengo, morena de cabelos negros longos, com vestido de chita, cantando o xote.

MARIA – Já não agüento mais ficar assim distante.

Viver tão longe me deixa tão maluca.

Se o meu amor é chama,

Por que você me deixa confusa

E diz que o meu coração é diamante?

Como pode um coração que ama

Não ser fogo e ser pedra bruta? *(bis)*

(refrão) Onde está você agora?

Não agüento mais esse sumiço.

Meu coração diamante chora.

Vamos logo, meu bem, dar um jeito nisso! *(bis; todos)*

Meu pai quer que eu conheça um homem rico,

Mas como fazer isso se ele não é o meu tipo.

O que sei é o que o meu coração sente sem medo,

Sou a poesia viva do poeta João Pedro. *(bis; refrão)*

Entra Inézia, a empregada, mamulengo. A música continua, instrumental.

INÉZIA *(com uma vassoura)* – Tá sonhando, Maria? Como você tá cada vez mais bonita!

MARIA – Não precisa exagerar, Inézia. *(cabisbaixa)* Mas eu não estou feliz...

INÉZIA – O que acontece contigo, minha menina?

MARIA (*num sobressalto*) – Gosto muito de alguém. Ele fala coisas tão lindas! Disse que os nossos corações são como diamantes... Duram pra toda a vida... Como o amor de dois amantes. Pra vida toda... (*suspira*) Que palavras mais...

INÉZIA (*interrompe*) – Se encantou pelas palavras dele, é? Cuidado com rapaz que dança bem e fala bonito. Homem cheio de prosa é um perigo. Já pensou pra quantas moças ele fala as mesmas coisas “lindas”? (*a música pára*)

MARIA – Duvido! O João nunca disse tantas palavras bonitas pra ninguém.

INÉZIA – Isso é o que ele diz pra você.

MARIA – Ah, Inézia, você me desanima falando assim.

INÉZIA – Não quero desanimar, só aconselhar. Você é como uma filha. Palavras bonitas não põem comida na mesa. O rapaz é direito? Além do mais, o seu pai...

MARIA (*interrompe*) – Não quero ouvir falar do papai. Que idéia de se meter na minha vida. Como pode querer que eu conheça...

Entra Dona Ieda, a mãe de Maria, mamulengo, com a bunda e os peitos grandes e a maquiagem carregada. Acento musical para a entrada dela.

DONA IEDA (*aflita*) – Maria! Maria, o seu pai tá uma fera contigo! E você, Inézia, trata de cuidar da comida.

INÉZIA – Dona Ieda, nossa menina não tá feliz. (*sai*)

DONA IEDA – Não tá feliz? Quem se importa se ela tá feliz ou não? Agora essa. (*imita Inézia*) “A nossa menina não tá feliz”. Pensa que tudo gira em sua volta, minha filha? Que o mundo vai parar porque você não tá feliz? Quem sabe melhor da sua felicidade é a sua mãe e o seu pai que te querem bem.

MARIA (*baixinho*) – A “minha” felicidade não é minha.

DONA IEDA – O que disse?

MARIA (*decidida*) – Não vou conhecer quem o papai quer...

DONA IEDA (*interrompe, maternal*) – Minha filha, o seu pai quer o seu bem. Não queremos que seja uma infeliz. Olha, Maria, o seu pai quer conversar a sério contigo ainda hoje. (*à parte*) Essas meninas pensam que as respostas do mundo estão no coração. (*à filha*) Você não ia reclamar da vida se soubesse que no meu tempo as moças já eram prometidas desde meninas. Não tinha esse negócio de escolher quem quer conhecer pra casar não. Ai de mim, se eu dissesse não ao meu pai quando conheci e me casei com o seu pai. Era surra de cinto, no mínimo. Maria, não contrarie o seu pai que isso não se faz com quem te criou e te deu tudo. Vou sair e já volto. (*sai, balançando o traseiro; acento musical para a saída dela*)

Começa a cantiga de roda FORMOSA. A luz cai na tenda e um foco de luz abre na tela translúcida no fundo da janela da tenda, onde aparecem as silhuetas, bonecos de sombras, de três RAPAZES, que são representações dos pensamentos de Maria.

RAPAZES – Maria, morena tão formosa e tão bela!

Com quem a linda flor quer casar?

Se é com um moço formoso que te trate como donzela

Ou com o senhor general, general, general? (*bis*)

MARIA (*canta*) – Meus olhos brilham como a estrêla de Belém!

Eu quero me casar e o meu coração já sabe com quem! (*bis*)

Corte e deslocamento da cena. Somem as silhuetas, a luz abre no palco e os 3 rapazes aparecem, como atores, cantando e falando para Maria na tenda, como mamulengo.

RAPAZES – Casa comigo, formosa, eu sou seu bem!

Casa comigo, formosa, que eu te quero bem! (*bis*)

RAPAZ 1 (*fala*) – Eu te dou casa, comida e roupa lavada.

RAPAZ 2 – Eu te dou vestidos, jóias e perfumes.

RAPAZ 3 – E eu te dou amor e o meu nome.

RAPAZ 1 – Pense no conforto de uma casinha na beira da estrada.

RAPAZ 2 – Na felicidade e no luxo sem nenhum queixume.

RAPAZ 3 – Pense que nunca mais vai passar fome.

RAPAZES (*juntos*) – Te damos o mundo e mais nada!

MARIA (*canta*) – Meu coração vazio guarda um segredo.

A angústia é grande e se pudesse decidir por mim mesma, sem medo,
Daria meu coração para João Pedro, aquele moço galante.

Corte. A luz some na tenda e Maria aparece para os rapazes no palco, como atriz. A música muda e os rapazes cantam e dançam com Maria o côco IÁIÁ, MEU LENÇO.

RAPAZES (*refrão*) – Olha a rosa amarela – Rosa!

Tão bonita e tão bela – Rosa! (*bis*)

Quem me dera eu morar (*na beira-mar*)

Na beirinha do mar, (*na beira-mar*)

Pra comer tainha, (*na beirinha do mar*)

Peixe bom é pirá. (*bis*)

Iáíá, meu lenço – Oh iáíá,

Pra me enxugar – Oh iáíá,

Essa despedida – Oh iáíá,

Que me faz chorar! (*bis; refrão*)

Os rapazes saem cantando e acenando lenços. A música some. Maria sai cantarolando e volta como boneco, na tenda. A luz cai no palco e abre na tenda.

MARIA (*cantarola*) – Iáíá, meu lenço – Oh iáíá,... Pra me enxugar... Essa despedida...

VOZ (*interrompe, de fora*) – Maria!

MARIA (*anda de um lado ao outro*) – Quem me chama?

VOZ – Maria! Aparece!

MARIA (*agitada*) – Aqui! (*começa a canção romântica QUERER, instrumental*)

JOÃO (*mamulengo; entra afobado*) – Maria! Que saudade! Você não responde minhas cartas? Não diz qualquer palavra. Um sinal seu seria a minha felicidade. (*dá um tremelique e tenta abraçá-la*) Eu não agüento de tanta vontade de te dar um chameguinho... Um chamego só, minha florzinha... (*se exalta*) Um cheirinho...

MARIA (*foge dele*) – Não pode entrar em casa assim, João! Meu pai pode criar confusão. Vai embora antes que ele apareça. Não quero que nada de mal te aconteça.

JOÃO (*aflito*) – Você não me quer mais? Tudo acabou? Pra você tanto faz? E o nosso amor? (*sedutor*) Só um chameguinho, um cheirinho no cangote...

MARIA – Não, João. Eu não posso... Eu quero... Mas eu vou... (*vacilante*) Eu estou...

JOÃO – Vai o quê, Maria? (*tenta abraçá-la*) Vai é dançar comigo um xote...

MARIA (*foge dele*) – Eu vou... Meu pai quer que eu... (*chora; a música cresce*)

JOÃO – Seu pai quer o quê? (*sons de passos fortes*) E você, o que quer? (*doce*) Maria, rosa amarela, tão formosa e tão bela rosa! Diz se você me quer ou não e eu vou embora agora. (*se aproxima dela*) Um beijinho só...

MARIA (*vacila, nervosa*) – Eu quero... Não quero... Não posso querer... Amo... Quero você... (*suspira e cai nos braços dele*)

JOÃO (*dá um beijinho rápido nela*) – Maria...

MARIA (*refaz-se, se solta dos braços dele*) – Mas não posso querer. (*passos próximos*) Vai embora agora, João! Ai, meu Deus, meu pai já tá no portão. (*som do portão*)

JOÃO – Só vou se tiver a sua promessa... E só mais um beijinho. (*passos mais próximos*)

MARIA – Agora não, João. Não posso prometer nada. (*som de porta abrindo*) Ai, meu Jesus, o meu pai já vem.

JOÃO – Eu volto pra te buscar, Maria. (*sai apavorado, fazendo barulho; a música some*)

MARIA (*chora*) – João... (*entra o pai; mamulengo*)

Sr. ALCEBÍADES (*nervoso*) – Que barulho é esse? Você tava falando com quem?
(*procura, furioso*) Se aquele poeta vagabundo veio aqui sou capaz de arrancar o “couro” dele. Já falei que não quero te ver conversando com esse vagabundo. Ele esteve aqui? Vamos, diga! O tal João esteve aqui?

MARIA (*chorosa*) – Não, pai, ninguém esteve aqui.

Sr. ALCEBÍADES (*impaciente*) – Ele é um ninguém mesmo! Não fica bem você conversar com esse fulano. O danado não tem nem condições de se sustentar, que dirá condições de te dar um futuro, aquele João ninguém. (*pausa; suspira*) A nossa situação não é fácil. As nossas economias...

MARIA (*interrompe*) – Ih, pai, já vem o senhor falar das “nossas economias”. Vou arrumar a cozinha que não suporto mais ouvir isso. (*sai reclamando*) “Nossas economias...”
Todo dia a mesma coisa.

Sr. ALCEBÍADES (*grita*) – Volta aqui! Essa menina não me obedece mais! Ainda vou arranjar um jeito de fazer Maria conhecer um homem decente. (*sai atrás dela; a luz fecha na tenda e abre no palco; volta, como ator, esfregando as mãos*) Se for rico aí é que a coisa fica no jeito. (*entra seu BARBOSA, ator com boneco marote*)

Seu BARBOSA (*agitado*) – Senhor Alcebíades, bom dia!

Sr. ALCEBÍADES – Olá, seu Barbosa. Aceita um café?

Seu BARBOSA – Não quero café não. Vim pra dizer que as contas da mercearia não foram pagas. Preciso de dinheiro pra refazer o estoque. Assim não dá, Alcebíades!

Sr. ALCEBÍADES – Pode ficar tranquilo que já vou pagar tudo. Tenha um pouquinho de paciência, seu Barbosa.

Seu BARBOSA (*nervoso*) – Paciência? O senhor disse a mesma coisa o mês passado.

Sr. ALCEBÍADES – Já estou vendo um empréstimo no banco pra pagar.

Seu BARBOSA (*firme*) – Assim não dá. O senhor tem que pagar, senão vou cortar seu crédito. (*saindo*) O senhor precisa acertar a conta logo, seu Alcebíades.

Sr. ALCEBÍADES – Fique tranqüilo que vou liquidar a dívida. *(baixinho)* A situação não tá fácil. Preciso arranjar um jeito de... *(entra o Dr. Miranda, advogado; boneco marote)*

Dr. MIRANDA *(afobado)* – Seu Alcebíades, vou dizer logo sem delongas e mumunhas: o senhor vai ser acionado judicialmente pelos credores.

Sr. ALCEBÍADES *(nervoso)* – O quê, Miranda? Ai, meu Deus! Do que você tá falando?

Dr. MIRANDA – O seu Farah e o seu Bergmann vêm aqui hoje pra te cobrar pessoalmente. *(pausa)* Só há um jeito, a conversa, seu Alcebíades. *(misterioso)* O diálogo é a alma de tudo. Ninguém resiste a uma boa conversa!

Sr. ALCEBÍADES – Tá bom. Deixa de conversa e diz logo o que eu faço.

Dr. MIRANDA *(rindo)* – Fácil, seu Alcebíades. Enrola o banco e a loja na conversa e deixa o tempo se encarregar da solução. *(muda de tom)* Você é um sujeito “sortudo”.

Sr. ALCEBÍADES – Como sou “sortudo” se estou nessa penúria? O aperto tá demais.

Dr. MIRANDA – Isso porque o senhor não sabe a “mina de ouro” que tem em casa!

Sr. ALCEBÍADES – Mina de ouro? Em casa?

Dr. MIRANDA – Isso mesmo! Uma mina de ouro!

Sr. ALCEBÍADES *(rindo)* – Mina de ouro? Dentro de casa?

Dr. MIRANDA – Isso! Uma mina de ouro na sua própria casa! Entendeu?

Sr. ALCEBÍADES – Não! *(pausa)* Ah, então você tá falando...

Dr. MIRANDA *(eufórico)* – Sim! Da sua... Formosura.

Sr. ALCEBÍADES *(exasperado)* – A minha menina? Mina de ouro?

Dr. MIRANDA – Menina de ouro...

Sr. ALCEBÍADES *(nervoso)* – Como tem a ousadia de insinuar que eu... *(pausa; à parte, vacilante, baixinho)* Casaria a filha pra pagar as dívidas...

Dr. MIRANDA – Candidatos não faltam. Eu mesmo pago cada centavo da dívida.

Sr. ALCEBÍADES *(interrompe, irritado)* – Queira se retirar dessa casa que aqui não é balcão de negócios! *(enxotando-o pra fora)* Vamos, Dr. Miranda, antes que eu me aborreça! Até logo e passe bem!

Dr. MIRANDA (*saindo*) – Mas Alcebíades... A mina de ouro...

Sr. ALCEBÍADES – Deixa de conversa fiada! (*alterado*) Esse Dr. Miranda com essas idéias de “mina de ouro”, menina de ouro. (*pausa; pensa alto*) Só preciso convencer a menina que... (*palmas do lado de fora; grita*) Entra! (*entram seu Farah, o dono da loja de roupas, e seu Bergmann, o banqueiro, bonecos marotes*)

Seu FARAH (*agitado*) – Dever e não pagar é uma vergonha! Só de vestido pra sua mulher é uma fortuna! E os sapatos? Todo dia é uma despesa alta. Sua esposa leva a mercadoria e diz... (*imita Dona Ieda*) “Seu Farah, queira, por favor, colocar na conta do meu marido, o senhor Alcebíades”. Os tecidos são caros! E o estoque? Sem dinheiro não tem estoque! Já é muito imposto na mercadoria! Ou paga ou vou...

Seu BERGMANN (*interrompe*) – Os bancos não sobrevivem sem capital! Os empréstimos venceram e nem aparece no banco. Pensa que dinheiro vem de onde? Tem juros sobre juros em cada centavo emprestado, mas dessa vez não tem escapatória.

Sr. ALCEBÍADES (*tenta acalmá-lo*) – Eu juro que pago tudo, seu Bergmann. Vamos com calma, meus amigos! Estou com um novo empreendimento que falta apenas uma assinatura, quer dizer, um consentimento. (*com ênfase*) Uma “mina de ouro!” (*os três se olham*) Uma mina de ouro! Negócio garantido!

Seu FARAH (*deslumbrado*) – Mina de ouro?

Seu BERGMANN (*extasiado*) – Mina de ouro?

Sr. ALCEBÍADES (*num transporte*) – Sim, amigos, uma verdadeira menina de ouro, quero dizer, uma mina de ouro que vai render muitos lucros e dividendos! (*os três riem*) Perdão, amigos, mas eu tenho um assunto importante pra resolver sobre a tal “mina de ouro”. (*conduz os dois para fora*) Pensem bem, amigos, a “mina de ouro”.

Seu FARAH (*esfregando as mãos*) – A mina... Isso mesmo, seu Alcebíades. Se quiser sociedade... (*sai*)

Seu BERGMANN (*com os olhos vidrados, ri*) – Conte comigo pra sócio nessa “mina de ouro”, Alcebíades. (*os dois saem rindo*)

Sr. ALCEBÍADES (*rindo*) – A mina... Até logo, senhores. Consegui me livrar desses dois idiotas, mas até quando? (*agitado*) Preciso falar com Maria. (*grita*) Maria! Inézia! Ieda! Não tem ninguém nessa casa? Maria!

MARIA (*entra, como atriz*) – Me chamou, papai?

Sr. ALCEBÍADES – Chamei sim. (*sorri*) Como você tá cada vez mais linda! Uma moça tão linda não pensa em alguém pra conhecer e casar? Quer uma festa melhor que a festa dos seus quinze anos? Não foi linda a sua festa de quinze anos?

MARIA – Foi, pai. Foi linda sim, mas...

Sr. ALCEBÍADES (*interrompe, alterado*) – Como “foi linda, mas”? Sempre tem um “mas”... Tudo que faço pra você tem um senão. Coloco no melhor colégio, compro roupas. O que você quer mais? Vamos, diga!

MARIA – Já tomei uma decisão, pai.

Sr. ALCEBÍADES (*nervoso*) – Já tomou uma decisão? Quem disse que tem o direito de tomar uma decisão? De decidir alguma coisa? Eu sou o seu pai e sou eu quem decide o que é bom pra você!

MARIA (*afrita*) – Mas papai, eu já sei...

Sr. ALCEBÍADES (*interrompe, furioso*) – Sabe o quê? Você não sabe nada! Vai obedecer ao seu pai senão te mando pro colégio interno e aí eu quero ver. Não quer ir pro internato, quer? Se quiser te mando agora! (*pausa; decidido*) Vou falar uma coisa que vai ter que ouvir. O senhor general Orozimbão... (*acento musical*) Um amigo meu que ficou viúvo tão cedo, vem aqui em casa e quero que você o conheça e o receba bem.

MARIA (*nervosa*) – Não vou conversar com ninguém! General Orozimbão? (*acento musical*) Nunca vi esse homem e o senhor quer que eu o conheça pra quê?

Sr. ALCEBÍADES (*furioso*) – Não interessa!

MARIA – Como não interessa? É a minha vida!

Sr. ALCEBÍADES – Ainda não é a sua vida! Você tem pai e mãe! Tá decidido! O general vem aqui e trate de ser educada com ele. Ou obedece ou vai pro colégio interno. Trate de colocar o seu melhor vestido e deixe o resto comigo. *(sai, agitado)*

MARIA *(chora)* – Como pode o meu próprio pai fazer isso comigo? *(volta o xote; instrumental)* Preciso falar com João. *(corte; atriz sai e personagem muda para mamulengo; a luz abre na tenda)* Não tenho saída. O internato vai me deixar louca. João, vou te esperar... Ao menos uma despedida. *(chora)*

A luz continua em Maria. Entra o MOÇO DO CHAPÉU, ator com roupas escuras e o rosto escondido pelo chapéu, cantando e tocando no violão a BALADA DO ABANDONO, canção cigana, lenta e dramática. Ele entra e senta na escada lateral da tenda.

Alguém sabe dizer por que

Quem ama sempre espera?

Amo, porque espero você.

É fato ou é fita?

É a vida ou é quimera?

O que pode ser?

O amor é apenas uma palavra

E como palavra bem dita

É uma palavra tão bela!

Mas que pode ser nada

Pra quem o amor não se revela. *(bis)*

O tempo passa e o amor aumenta enquanto te espero.

Eu fico triste e quase morro nesse abandono.

A vida é sem graça sem seus olhos e o que mais quero

É adormecer pra te encontrar nos sonhos. *(bis)*

Maria sai chorando. A luz fecha na tenda e abre no palco. A música continua, instrumental. Três RAPAZES trazem uma mesa, garrafas, copos, pratos e talheres e colocam na parede uma placa com os dizeres Pensão Dom Bosco. Seu CARVALHO arruma a mesa e os rapazes sentam e bebem, com movimentos na pulsação da música. Entram JOÃO, TADEU e SANTIAGO e os rapazes levantam, encaram os três e todos sentam, ao mesmo tempo. De fora se ouvem gritos. A música pára e todos levantam.

VOZES (de fora) – O grande herói! É ele! O generalíssimo Orozimbão! (acento musical)

Alvoroço na pensão. O Moço do Chapéu retoma a música, instrumental, ora lenta, ora acelerada, pontuando as ações. Entra o general OROZIMBÃO, ator, numa cadeira com rodinhas empurrada pelos filhos, atores, OROZIMBUCHO, alto e magro, o mais velho, e OROZIMBINHO, pequeno e gordo, o mais novo. O general veste um fardão militar com medalhas, traz um porrete, usa peruca e a sua barriga é grande, assim como o nariz e as orelhas. Os filhos estão vestidos como o pai, com um porrete cada um, e a composição cênica dos três é grotesca. Os movimentos da entrada do general, com passos lentos e marcados, são sincronizados com os movimentos dos outros na pensão, como uma dança coletiva em câmera lenta, com pausas e paradas, em que cada passo do general tem como reação um movimento dos atores, em conjunto. O general pára a cadeira no meio do palco e solta um “traque” (peido; “pum”) barulhento. Todos fazem caras de nojo. O general senta, solta outro “traque”, todos reagem e sentam, juntos. A música pára.

OROZIMBÃO (levanta o porrete) – Cadê o dono dessa espelunca?

CARVALHO (treme) – O senhor generalíssimo deseja alguma coisa?

OROZIMBÃO – Claro que desejo! Um homem entra numa pensão pra quê?

CARVALHO – Pra comer, dormir, pousar...

OROZIMBÃO – O senhor acha que eu ia dormir numa barafunda dessas? O senhor devia reformar essa espelunca. Eu compro essa cabeça de porco! Quanto quer?

OROZIMBUCHO (*com a mão no bolso*) – Quanto quer pelo pardieiro?

OROZIMBINHO – Quanto quer pela barafunda?

CARVALHO (*sem jeito*) – A minha pensão não pode ser vendida.

OROZIMBÃO (*levanta; todos levantam, juntos; furioso*) – Não há coisa que não possa ser comprada pelo general Orozimbão! (*acento musical*) Eu compro tudo! Quanto deve valer a sua pensão mixuruca? (*senta e todos fazem o mesmo em seguida, juntos*)

OROZIMBUCHO (*rindo*) – Acho que qualquer pangaré vale mais que a pensão!

OROZIMBINHO – Eu dou o meu cachorro pela pensão!

CARVALHO (*triste*) – É herança de família. Tem valor sentimental. Aqui criei meus filhos. Depois que foram embora, fiz a pensão. Muita gente passa pela cidade e pausa aqui. A comida é boa, tem banho quente e cama. O senhor não vai querer comprar a única coisa que me dá felicidade, a minha pensãozinha, não é generalíssimo?

OROZIMBÃO – Tenho dinheiro pra comprar até a sua alma! (*muda de tom*) Deixa de conversa e me serve alguma coisa! Preciso comemorar! (*ri com os filhos; Carvalho traz uma garrafa e copos, serve o general e os filhos; alto*) Vamos fazer um brinde pra que a minha missão nessa cidade seja bem sucedida! (*brindam e bebem; estala os lábios*) Que boa bebida! Amanhã vou fechar um grande negócio. (*levanta; solene*) Vou conversar com o pai de uma donzela formosa.

OROZIMBUCHO (*animado*) – A mais formosa da cidade!

OROZIMBINHO (*alto*) – A flor mais linda da cidade!

OROZIMBUCHO – Um botão em flor!

OROZIMBINHO – Uma flor em botão!

OROZIMBUCHO – Uma menina de ouro!

OROZIMBINHO – Um estouro de menina!

OROZIMBUCHO – Uma mina de ouro!

OROZIMBINHO – Um tesouro de menina!

OROZIMBÃO (*firme*) – Amanhã vou comprar... Não. Vou pedir a mão de Maria.

O Moço do Chapéu toca a música, agora em ritmo de tango, marcando a movimentação cênica dos atores. João levanta e vai pra cima do general, mas é contido pelos amigos. No meio do palco forma-se um meio círculo. De um lado, João, os amigos e os três rapazes, de outro, o general e os filhos. No meio, Carvalho tenta apaziguar.

OROZIMBÃO (*ameaça*) – Quem é o insolente que ousa me enfrentar? Conhece Maria?

JOÃO – Conheço e ela não pode ser de mais ninguém.

OROZIMBÃO (*furioso*) – Não pode? Pois será! Vim comprar, ou melhor, vim conversar com o pai. Se ele consentir, amanhã mesmo é o casamento. Estão todos convidados pra grande festa. (*alvoroço; dá uma porretada na mesa e todos calam*)

JOÃO (*furioso, contido pelos amigos*) – O senhor não tem...

OROZIMBUCHO (*interrompe*) – Não tem o quê? O rapazola valente quer apanhar?

OROZIMBINHO (*com o porrete*) – Quer apanhar pra aprender? (*João recua*)

CARVALHO (*intervindo*) – Vamos parar de briga aqui na minha pensão!

OROZIMBÃO (*alto*) – Amanhã ou depois tem festa de casamento na cidade! (*senta*)
Vamos embora desse pardieiro! Preciso ver amanhã o pai dela e preparar o matrimônio. (*ri alto*) Menina de ouro... Florzinha em botão... Botãozinho em flor...

O general sai na cadeira, empurrado pelos filhos. Ao sair, ele pára duas vezes, ri alto e solta um “traque” estrepitoso, ao que os outros reagem com nojo. A música pára depois do último “traque”. Alguns saem atrás do general. A luz cai e o Moço do Chapéu volta a tocar a canção cigana, instrumental. Seu Carvalho e os rapazes tiram a placa e saem com a mesa, os pratos, copos, garrafas e talheres. João, Tadeu e Santiago ficam.

JOÃO (*triste*) – Não acredito. A Maria não faria isso comigo. Que cabra esquisito...

TADEU – Não é ela, João, é o pai. Sujeito que vive pro dinheiro.

SANTIAGO – Acho melhor ir embora, João.

JOÃO – Andar pela noite sem o beijo do meu bem. Devia arrebentar aquele general!

SANTIAGO – Não pensa bobagem.

JOÃO (*nervoso*) – Bobagem? Deixar Maria casar com aquele... Viram quanto barulho?

TADEU (*rindo*) – Já pensou o “traque traque” a noite inteira?

SANTIAGO – A cama não vai agüentar com os dois e tanta “peidação”.

JOÃO (*grita*) – Não! Sinto que até amanhã tudo muda. O que Maria pensa disso tudo?

(*cantarola*) Vem lua, traz o brilho dos olhos da minha amada. Vem lua, que eu farei com seu coração colares e anéis de prata.

Os três saem. A luz fecha no palco e abre sobre o Moço do Chapéu, que toca e canta a BALADA DO ABANDONO em pé, num canto, e faz a passagem para o próximo ato.

Ninguém sabe dizer por que

Quem ama sempre espera?

Amo, porque espero você.

É fato ou é fita?

É a vida ou é quimera?

O que pode ser?

O amor é apenas uma palavra

E como palavra bem dita

É uma palavra tão bela!

Mas que pode ser nada

Pra quem o amor não se revela. (*bis*)

O tempo passa e o amor aumenta enquanto te espero

Eu fico triste e quase morro nesse abandono.

A vida fica sem graça sem seus olhos e o que mais quero

É adormecer pra te encontrar nos sonhos. (*bis*)

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Um galo canta distante. Sons do amanhecer se misturam ao canto e ao violão do Moço do Chapéu, que sai e a música some aos poucos. A luz abre na tenda e entra Inézia, mamulengo, com uma vassoura, cantando e dançando o côco TRÊS CÔCOS, acompanhada pelos músicos com pandeiro e ganzá.

INÉZIA – Três côco, “siricóia” miudinha – Aiá! *(rebola com a vassoura)* Três côco, “siricóia” miúdá. *(dá uma umbigada)* Três côco, “siricóia” miudinha – Aiá! *(rebola)* Três côco, siricóia” miúdá. *(umbigada)* Passe pra aqui, passe pra ali, passe pro canto. *(rebola)* Que eu daqui num me levanto, morro doido de apanhá. *(umbigada)* Passe pra aqui, passe pra ali, passe pro canto, que eu daqui num me levanto, quantas tapa qué levá? Que eu daqui num me levanto, morro de tanto trabalhá! *(rebola e brinca)*

DONA IEDA *(mamulengo; entra com rolos no cabelo)* – Inézia! Vamos parar de rebolar e dar umbigada! É o dia todo dançando côco, sambando e cantando, meu Deus! *(o ganzá e o pandeiro param)* Arruma a casa direitinho que hoje vamos ter uma visita muito importante!

INÉZIA – Visita importante é?

DONA IEDA – Muito importante! O nosso futuro tá nessa visita.

INÉZIA – Ih, já vi que o negócio é sério. Algum ministro? Senador? Ou deputado? Juiz?

DONA IEDA *(firme, empina a bunda e ajeita os seios)* – Um general, Inézia! General!

INÉZIA – Nossa! Um general!

DONA IEDA – General! Agora arruma a casa e deixa de conversa. Não se esquece de fazer uma boa comida. O general Orozimbão... *(acento musical)* É um bom prato.

IN ÉZIA *(assustada)* – General o quê? Oro o quê? Bimbão?

IEDA – Zimbão, Inézia, Orozimbão! *(acento musical)*

INÉZIA – Como pode alguém ter um nome assim tão... Orozimbão. *(acento musical)*

IEDA – E você? Inézia! Deixa de conversa. O general é um homem importante e não me faça bobagem, pelo amor de Deus. Já pensou se o general te vê rebolando com a vassoura e dando umbigada pela casa, Inézia? *(agitada)* Vou trocar de roupa, arrumar o cabelo e já volto! *(sai rindo, frenética)* Ai, ai, um general em minha casa.

INÉZIA – General Oro... Bimbão. *(silêncio)* Orozimbão. *(acento musical)* Hoje o “couro come” e a casa pega fogo!

Os músicos, com pandeiro e ganzá, tocam CÔCO DENDÊ, TRAPIÁ. Ela sai dançando. A luz some na tenda e abre no palco. Inézia volta, como atriz, cantando e dançando.

– Côco dendê, trapiá,

Fai’ um jeitinh’ d’imbolá! *(bis)*

Imbola pai,

Imbola mãe, imbola filha *(rebola)*,

Eu também sô da família,

Eu também quero imbolá. *(dá uma umbigada; bis)*

Papai, cadê Maria?

Maria foi passear.

O passeio de Maria

Faz papai e mamãe chorar. *(bis)*

Maria, como atriz, entra com uma pequena mala, vestida para sair, e a música pára.

INÉZIA *(assustada)* – Pra onde vai com a mala, menina?

MARIA *(decidida)* – Vou embora antes que o papai acorde!

INÉZIA – Não faz isso! Seu pai não vai gostar. *(pega a mala)* Não vai pra lugar nenhum.

MARIA *(triste)* – Então o que eu faço, Inézia?

INÉZIA (*doce*) – Numa hora dessas não se pode fazer nada. Você é uma menina.

(*começa o xote CORAÇÃO DIAMANTE, instrumental*)

MARIA (*sonhadora*) – Ai, a nossa música! O coração é... (*entra o pai, ator; a música pára*)

Sr. ALCEBÍADES (*afobado*) – Hoje é o dia, minha filha.

MARIA (*assustada*) – Dia de quê?

Sr. ALCEBÍADES – Então você esqueceu? (*alto e firme*) Hoje vamos receber a visita do generalíssimo Orozimbão. (*acento musical*) Os nossos problemas acabam hoje!

MARIA – Como assim? Acabam hoje? Que problemas?

Sr. ALCEBÍADES – Quanta pergunta, Maria. (*extasiado*) O homem é decente e muito rico! (*pausa; devagar*) Ele vem aqui hoje especialmente pra te conhecer. (*à parte*) Minha “mina de ouro...” (*à filha, rindo, eufórico*) Minha “filha que adoro”.

MARIA (*atônita*) – Me conhecer? Não pode ser, papai. Eu posso escolher se quero ou não quero conhecer esse tal de general Oro... (*vacila*) Zimbão? (*acento musical*)

Sr. ALCEBÍADES – O quê? (*rindo*) Mais um motivo pra conhecer o general. Se nunca o viu, então vai ver agora. Hoje. Agorinha mesmo. Ele já deve estar a caminho.

MARIA (*chora*) – Por quê, papai, fazer isso com a sua filha?

Sr. ALCEBÍADES (*paternal*) – É a sua felicidade, Maria. Tudo na vida depende da oportunidade. Vai conhecer o homem mais rico dessas bandas. Tem muita mocinha na cidade que não perderia uma oportunidade dessas por nada nesse mundo. Hoje é o dia da minha... Quer dizer, o dia da sua oportunidade.

MARIA – Minha oportunidade? O senhor não pode fazer isso comigo!

Sr. ALCEBÍADES – O que estou fazendo demais? Tem algum problema conhecer um homem com a permissão do seu próprio pai? (*se aproxima e abraça-a*) Minha filha, você vai apenas conhecer. Não vai acontecer mais nada. Eu prometo.

MARIA (*chorosa*) – O senhor promete que se não gostar dele eu...

Sr. ALCEBÍADES (*interrompe*) – Não tem como não gostar dele. Se por um acaso acontecer isso... (*pausa*) Você faz o que quiser.

MARIA (*beija-o*) – Papai! Sabia que não ia fazer isso. Se não gostar, faço o que quiser?

Sr. ALCEBÍADES – Sim, minha filha que adoro. O que quiser. (*muda de tom*) Toma juízo agora e mostra ao general Orozimbão... (*acento musical*) Que você é uma menina prendada e educada. (*sai, rindo e esfregando as mãos; baixinho, à parte*) Hoje vou acertar a minha vida. (*volta o xote CORAÇÃO DIAMANTE, instrumental*)

MARIA (*suspira*) – O mundo se abre pra mim. (*sai dançando e cantarolando*)

A luz fecha no palco e abre na tenda, onde aparece Maria, como mamulengo. Entram FÁTIMA, INÊS e CRISTINA, amigas de Maria, também mamulengos. A música pára.

FÁTIMA (*agitada*) – Maria! A cidade inteira já sabe!

INÊS (*eufórica*) – É o assunto na igreja, na praça.

CRISTINA (*rindo*) – Estamos todas felizes por você! (*muda de tom*) Mas o que houve? Você não parece gostar de nada disso.

MARIA – Do que vocês tão falando? Todo mundo sabe da minha vida e eu não sei nada. (*nervosa*) A cidade inteira já sabe o quê?

INÊS – Você não sabe de nada?

FÁTIMA (*séria*) – Então quer dizer que não sabe que vai casar amanhã?

MARIA (*assustada*) – Casar? Quem? Eu? (*ri*) Será que o João conversou com o papai? Então foi isso! Ele conversou e espalhou na cidade que vamos casar amanhã?

CRISTINA – Quem? João? Ninguém sabe disso não!

INÊS – O que todo mundo sabe é que você vai casar com um tal de... Como é mesmo o nome? General Oro... Timbão. (*silêncio*) Orozimbão (*acento musical*)

MARIA (*grita*) – Não! (*corre*) Não é verdade!

FÁTIMA (*acalmando-a*) – Não adianta ficar nervosa agora. Todo mundo pensa que você quer esse casamento. (*as outras a consolam*)

MARIA (*chorosa*) – Nunca vi esse homem! O papai me disse agora que ele vem aqui só pra me conhecer, mas daí a se casar amanhã? (*nervosa*) Traição!

INÊS – Mas ele não é rico?

CRISTINA – Pode te dar conforto.

MARIA – E daí se ele é rico?

FÁTIMA – É isso mesmo. A Maria tem razão. Casar com um homem que nunca viu? Não é porque é rico que o cabra é bom. Minha mãe disse que todo homem nasce bondoso, mas é a vida que o torna malvado. Sabe lá o que ele já fez por aí? É um general e deve ser muito mais velho que você.

INÊS – É mesmo. Deve ser um caco de homem. Se nunca viu fica difícil aceitar assim. Sem nem saber o perfume? E se o cabra for fedido?

CRISTINA – Casar só porque ele é rico? E se é daqueles que roncam a noite inteira?
(interrompe; ouvem-se passos fortes)

MARIA *(afrita)* – Alguém precisa avisar ao João.

Corte. A luz some na tenda e abre no palco. Os bonecos saem e as personagens voltam, agora como atrizes.

MARIA *(tira uma fita vermelha do vestido; para Fátima)* – Entrega a fita ao João. *(passos mais próximos)* Agora vão embora rápido... *(entra o pai, como ator)*

Sr. ALCEBÍADES *(desconfiado)* – O que tão fazendo aqui?

MARIA – Nada, pai. Minhas amigas vieram me visitar, não é, meninas?

INÊS *(sem jeito)* – Já tava de saída. Viemos falar de assunto da igreja. *(benze-se)*

CRISTINA *(nervosa)* – Dos tapetes de serragem da Semana Santa!

FÁTIMA *(esconde a fita vermelha; firme)* – É só uma visita de amigas, seu Alcebíades. *(às outras)* Vamos logo que tenho que ajudar minha mãe.

INÊS – Tenho que passar no mercado.

CRISTINA – Ainda vou terminar um trabalho em casa.

FÁTIMA *(saindo; faz um sinal para Maria)* – Está tudo certo, Maria. Tenha um bom dia, seu Alcebíades! *(saem)*

Sr. ALCEBÍADES – Tudo certo o quê?

MARIA – Nada, pai.

Sr. ALCEBÍADES (*rindo*) – Como é, minha filha? Preparada pra uma surpresinha do pai?

MARIA (*brava*) – Surpresinha? Não quero saber de surpresa nenhuma... (*entra a mãe*)

DONA IEDA (*interrompe, afobada*) – Alcebíades! Alcebíades!

Sr. ALCEBÍADES – O que foi, mulher?

DONA IEDA – O general tá vindo pra cá! É uma questão de minutos. (*grita*) Inézia! Ajeita a comida que o general já tá chegando! (*ao marido*) E você, homem, trate de colocar uma roupa melhor pra receber o general Orozimbão! (*acento musical*)

Sr. ALCEBÍADES – Que roupa que nada! Já tá tudo resolvido! (*para Maria*) Chegou a hora, minha filha. Esse dia vai ser o dia da redenção da nossa família!

DONA IEDA (*abraça a filha*) – Maria, nossa filha preciosa. Tudo vai dar certo.

MARIA (*solta-se da mãe, nervosa*) – Preciosa? Não acredito que os meus próprios pais vão me entregar pra um homem que eles nem conhecem...

Sr. ALCEBÍADES (*interrompe*) – Isso não é verdade! O general Orozimbão... (*acento musical*) É um amigo de velha data. (*impaciente*) E agora não é hora de voltar atrás o que já foi combinado com o general.

MARIA – Combinado o quê? (*grita*) A minha venda? Sou preciosa por isso?

DONA IEDA – Não diga isso, minha filha.

Sr. ALCEBÍADES – Tudo é questão de hábito, de costume. Saiba que essas coisas são parte da tradição. Que mal há em querer que a filha conheça alguém honesto e rico? (*impaciente*) Você acha que sabe o que é melhor pra sua vida?

DONA IEDA – Pense no seu futuro, Maria!

MARIA – Que tipo de futuro posso ter assim?

DONA IEDA – Conforto, Maria! Viajar, comer e vestir do bom e do melhor! Isso não adianta nada pra você?

Sr. ALCEBÍADES (*nervoso*) – Quer saber de uma coisa? Não é hora pra discutir. (*grita*)

Trate de ir pro quarto e se arrumar que nós hoje vamos “ter a honra” de receber um grande homem em nossa casa. Não quero mais saber de conversa. Vamos logo! Vista uma roupa bonita e trate de não se trancar no quarto muito tempo. O general Orozimbão... (*acento musical*) Já vai chegar e quero que ele te veja bem bonita. (*para a mulher*) E você, mulher, vai pra ajudar essa menina a se vestir. (*as duas saem; Maria sai chorando*) Essas mulheres não conseguem perceber as “oportunidades”. A boa vida é uma questão de oportunidade. (*batidas fortes na porta; esfregando as mãos*) Olha a oportunidade batendo na minha porta. (*grita*) Já vai! (*abre a porta; falsa surpresa*) General Orozimbão! (*acento musical; o general entra, como ator*) Que honra! Por favor, não repare a minha humilde casa.

A entrada de Orozimbão e dos filhos é lenta e sincronizada. No meio da sala, o general pára e solta um “traque”. Dois cupins e dois pica-paus, entram e sobrevoam a sala.

Sr. ALCEBÍADES – Sai pra lá! (*enxota os cupins e pica-paus, que saem; baixinho, à parte*) – Ai, meu Deus! Pra quem eu fui entregar a minha filha! (*muda de tom*) General, que prazer vê-lo em minha casa! (*tenta cumprimentá-lo*)

OROZIMBÃO (*com desdém*) – Não precisa exagerar na cortesia. Não vim aqui pra apreciar a sua casa. Vim pra apreciar a minha... Como posso dizer?

OROZIMBUCHO – A sua “donzelinha”, pai.

OROZIMBINHO (*rindo*) – A sua “mercadoria”, pai.

OROZIMBÃO – Vim apreciar a “donzelinha” mais linda da cidade. A minha mina de ouro... Menina de ouro. Onde ela está agora? (*levanta o porrete*) Onde?

Sr. ALCEBÍADES (*com medo*) – Se arrumando pra receber o senhor. (*grita*) Maria! leda! O general já chegou! Espere somente um minutinho que ela já vem. (*pausa; sussurra*) Podemos aproveitar que ela não chegou ainda e acertar os últimos detalhes do nosso negócio, o senhor não acha?

OROZIMBÃO – Acho bom mesmo. O senhor preparou os papéis? O contrato?

Sr. ALCEBÍADES (*tira um papel do bolso*) – Aqui está, general. Tudo como combinamos.

Já assinei tudo. (*entrega o papel ao general*)

OROZIMBÃO (*olha o papel*) – Tem certeza que tá tudo aqui? (*lê o papel e levanta o porrete*) O senhor quer mais duzentas vacas pra fechar o contrato? Já não basta ter acertado todas as suas dívidas com a mercearia, a loja de roupas e o banco?

Sr. ALCEBÍADES (*choroso*) – São só umas vaquinhas pra tirar um leitinho.

OROZIMBÃO (*amassa o papel e joga no pai*) – Não tem vaquinha não. O combinado foi liquidar as dívidas e mais um pouquinho por fora. (*tira uma folha de papel grande do bolso*) Esse é o contrato e tem que ser do meu jeito. Assina ou não assina? (*o pai tenta pegar o papel, o general não deixa; com o porrete*) O senhor duvida da minha honestidade? Acha que precisa ler o contrato que eu fiz pro senhor assinar?

Sr. ALCEBÍADES (*com medo*) – Longe de mim uma coisa dessas, general. Não preciso ler nada. O senhor é um notável, um herói da guerra.

OROZIMBUCHO (*nervoso*) – Da guerra não! O pai é herói de muitas guerras!

OROZIMBINHO – Da guerra de Itararé.

OROZIMBUCHO – Da guerra dos Apipucos, das grandes guerras.

OROZIMBÃO (*grita*) – Chega! Não precisa falar de todas as guerras. (*decidido*) O que interessa é que o senhor assine aqui e não se fala mais nisso. (*pega uma grande caneta no bolso e entrega ao pai, que vacila para assinar; com o porrete levantado*) Acertei tudo que deve. Agora é assinar e pronto.

Sr. ALCEBÍADES (*trêmulo*) – Mas o senhor tem certeza que não falta nada? Alguma coisa na mão? Alguma quantia em dinheiro? Um tutu ao vivo na mão?

OROZIMBÃO (*cínico*) – Ah, então quer dinheiro na mão? Um tutu na mão do menino?

Sr. ALCEBÍADES (*ri, ávido*) – Isso mesmo, general!

OROZIMBÃO (*pega um saco de moedas e joga para o pai*) – Acho que isso resolve o caso, não resolve? (*ri, sórdido*)

Sr. ALCEBÍADES (*pega o saco de moedas*) – Mas é claro que resolve, general! (*assina rápido o papel e entrega ao general; abre o saco e balança as moedas; num transporte*) Ai como é bom ouvir esse barulhinho de metal! (*cheira o saco, rindo*)
Esse cheirinho de dinheiro. Há quanto tempo não sei o que é ter dinheiro na mão.

OROZIMBÃO (*firme*) – E ainda dou mais 7 vacas pra não ter nenhuma reclamação.

Sr. ALCEBÍADES (*rindo*) – O senhor é um homem muito bom. Mais sete vaquinhas. (*tenta beijar a mão do general*) O senhor é um verdadeiro santo.

OROZIMBÃO – Deixa de beija-mão que eu não gosto de baboseira. Agora que já resolvemos o negócio... (*procurando*) Onde tá a nossa “mercadoria”? Quer dizer, a “donzelinha”? Não vejo a hora de tocar na minha... (*ri alto com os filhos*)

Sr. ALCEBÍADES (*interrompe*) – Ela já vem, general. (*grita*) Ieda! Maria! (*baixinho, subserviente*) O senhor sabe como são as mulheres. Gostam de se arrumar e isso sempre demora. (*grita*) Vamos logo, Ieda! Traz logo essa menina do jeito que está!

DONA IEDA (*de fora*) – Já vai!

OROZIMBÃO (*sério*) – Eu espero que o senhor, quero dizer, a menina... (*pausa; solta um “traque” barulhento; o pai reage com nojo; ameaçador*) O que é? Os meus “sons” te incomodam? Se te incomodam, eu dou um jeito pra não incomodar... (*levanta o porrete e grita*) Incomodam?

Sr. ALCEBÍADES (*trêmulo*) – Não, general! (*pausa; trocam olhares*) Eu até que...

OROZIMBÃO (*interrompe*) – Só falta anunciar o casamento!

OROZIMBUCHO (*alegre*) – A grande festa!

OROZIMBINHO (*ri, saltitante*) – A maior festa da cidade!

Sr. ALCEBÍADES (*ri*) – Pode ser amanhã como combinado!

OROZIMBÃO – Tem que ser o mais rápido possível. (*firme*) Isso mesmo, amanhã!

Sr. ALCEBÍADES – O senhor acha que vai dar tempo pros preparativos da festa?

OROZIMBÃO – Deixa por minha conta! O senhor não precisa gastar nada. Deixa isso comigo como um presente para a jovem donzela, a minha “mercadonzeleira”...

Sr. ALCEBÍADES (*alegre*) – Que bondade a sua, meu santo general! Santo Orozimbão!
(*acento musical*)

OROZIMBÃO (*baixinho, à parte*) – Santo do pau oco... (*ao pai*) Agora que acertamos tudo, vamos ao que interessa. (*bate o porrete na mesa*)

Sr. ALCEBÍADES (*tremendo*) – Claro, general. (*grita*) Maria! Ieda!

DONA IEDA (*de fora*) – Mais um segundo!

Sr. ALCEBÍADES – Mais um segundo. O senhor quer beber alguma coisa enquanto isso?

Entra Maria, como atriz, com vestido rosa, cabisbaixa, seguida da mãe, eufórica. O pai guarda o saco de moedas no bolso. Começa o tango PALOMITA, instrumental, e os movimentos e falas acontecem na pulsação dramática da música.

DONA IEDA (*maravilhada*) – General Orozimbão! (*acento musical no tango*) Muito prazer!
Muitíssimo prazer!

OROZIMBÃO (*com desdém, olha Maria*) – Muito prazer! (*levanta, maravilhado*)

Sr. ALCEBÍADES – Essa é a minha Maria, general!

OROZIMBÃO (*ri, cínico*) – Sim, a minha... Quer dizer, a sua Maria. (*senta; à parte*) O idiota pensa que ainda é sua filha. Agora é minha. (*olha Maria, que desvia o olhar*)

Sr. ALCEBÍADES – Ieda, vamos lá dentro que eu preciso conversar contigo. (*a Orozimbão*) Os seus filhos não querem tomar um ar no quintal? (*pisca o olho*)

OROZIMBÃO – Ah, sim. (*aos filhos*) Orozimbucho e Orozimbino, acompanhem o senhor Alcebíades! (*Dona Ieda, os filhos do general e o pai saem, na pulsação do tango*)

MARIA (*nervosa*) – Pai, não me deixa aqui sozinha!

OROZIMBÃO (*rindo*) – Então ficar comigo é ficar sozinha? Não se preocupe que não vou fazer nada. (*pausa; cínico*) Você deve ser muito prendada.

MARIA (*sem jeito*) – Não! Sim.

OROZIMBÃO – Canta? (*pausa; levanta o porrete, rindo*) Então canta pro seu generalzinho! Se não cantar agora, donzelinha... (*o tango pára*)

MARIA (*canta ALECRIM, trêmula*) – Alecrim, alecrim dourado,

Que caiu no campo

E não foi semeado.

Alecrim, alecrim aos molhos,

Por causa de ti

Choram os meus olhos.

(*refrão*) – Ai meu amor!

Quem te disse assim

Que a flor do campo

É o alecrim? (*bis*)

Alecrim do meu coração

Que nasceu no campo

Com esta canção.

Alecrim, alecrim a arder

O teu fumo é santo

Junto a Deus vai ter.

OROZIMBÃO (*boceja*) – Isso, minha menina de ouro, canta... (*cantarola*) Alecrão do

Orozimbão... (*tenta pegá-la; ela recua; gargalha e boceja*) Vem cá, meu alecrão do
coração. (*solta um “traque” barulhento e adormece*)

MARIA (*com nojo*) – A vida não tem pena de mim. (*o general ronca profundamente*) Como

posso me casar com um... (*num sobressalto*) Isso mesmo, dorme general...

Enquanto isso... (*entram os dois cupins e os dois pica-paus e sobrevoam a cabeça*

do general; espanta-os) Sai pra lá, cupim! Sai pica-pau! (*os bonecos vão para um canto; ela anda de um lado ao outro; entra João, com um porrete na mão*)

JOÃO (*nervoso*) – Maria, só fiquei sabendo de tudo hoje. (*olha o general, levanta o porrete, furioso*) Eu vou acabar com esse sujeito agora!

MARIA (*detendo João*) – Não adianta, João. (*os bonecos rodopiam em volta da cabeça do general, que levanta o porrete, dormindo, e assusta-os; Maria enxota-os*) Vão embora, senão o general acorda e vê o João! (*os bonecos vão para um canto*)

JOÃO (*afrito*) – Vamos fugir agora!

MARIA – Vamos. Quer dizer... Não posso. (*chora*)

JOÃO (*segura suas mãos*) – A hora é agora, Maria. Não precisa levar mala. A gente começa a nossa vida do nada. (*o general ronca*)

MARIA – Se o general acorda ele te mata!

JOÃO – Não saio daqui sem você, Maria!

MARIA – Não diga isso, João.

JOÃO – Vamos embora logo! (*o general ronca e levanta o porrete*)

MARIA (*afrita*) – Vai embora. Ai, meu Deus! Ai, minha Santa Inês! O que eu faço? (*o general se coça, ronca alto e fala; João se esconde*)

OROZIMBÃO (*sonâmbulo*) – Alecrão do Orozimbão... (*solta um “traque” e adormece*)

JOÃO – Como seu pai pode te entregar pra um homem que solta “traque” até dormindo?

MARIA – Ele é malvado, João. Pode te matar se te vê aqui. Vai embora. Ai, que aflição!

JOÃO – Aflição é o que eu sinto. Vou arranjar um jeito de atrapalhar tudo.

MARIA – Cuidado. Não faça nada que... (*o general acorda de repente, levanta da cadeira com o porrete; João foge rápido, fazendo barulho*)

OROZIMBÃO (*grita*) – Que barulho é esse? Quem acabou de sair? Eu vi! Quem foi?

MARIA – Não foi nada, general. São os insetos. (*os bonecos sobrevoam o general*)

OROZIMBÃO (*espanta-os com o porrete*) – Sai pra lá! (*os bonecos saem*) Eram só insetos mesmo? Eu vi e não sou cego. Você não tá mentindo pra mim? (*levanta o porrete*) Porque se tiver... Tinha mais alguém aqui? (*bate com o porrete na mesa 2 vezes; os pais, os filhos do general e Inézia entram, assustados; grita*) Quem era?

DONA IEDA – O que foi isso?

Sr. ALCEBÍADES – Que barulho é esse?

OROZIMBÃO (*furioso*) – Eu tava tirando uma soneca quando ouvi um barulho suspeito e vi um vulto saindo. Não é verdade?

Sr. ALCEBÍADES (*aflito*) – O que foi, Maria?

MARIA – Não foi nada. Só os insetos. O general se incomodou e acordou nervoso.

OROZIMBÃO (*grita*) – Não eram só insetos não. E o vulto? (*baixinho ao pai, ameaçador*) O senhor não disse que a menina era pura? (*levanta o porrete*) É pura ou não é?

Sr. ALCEBÍADES (*trêmulo*) – Pura como a água do rio.

DONA IEDA (*insinuante*) – Pura como uma flor e como a água do rio.

OROZIMBÃO (*sarcástico*) – Eu vou conferir se é ou se não é pura como uma flor, como a água do rio. (*aos filhos*) Vamos embora, meus filhos! (*ri, cínico*) Pura como a água do rio... (*gargalha; chama o pai num canto e entrega-lhe um saquinho com moedas; baixinho*) Tome aqui essas moedas como recompensa pela beleza da menina. (*o pai guarda o saquinho; alto*) E trate de providenciar os preparativos para a festa de casamento! (*triumfal*) Eu quero um festão como nunca visto na cidade!

Sr. ALCEBÍADES (*servil*) – Pode ficar tranqüilo, meu santo general!

OROZIMBÃO – Você é que tem que ficar tranqüilo. (*levanta o porrete; cantarola*) Alecrão do Orozimbão... (*pára e solta um “traque”; sai com os filhos, rindo alto*) Alecrão do Orozimbão... O meu coração é douradão. Eu sou bonitão, sou um alecrão...

MARIA (*revoltada*) – Que homem mais nojento. O que vocês pensam de mim? Sujeito sem modos, malvado, fedido.

DONA IEDA – Você se acostuma. (*sonhadora*) Afinal, o general não é tão mal assim.

Sr. ALCEBÍADES – O que tá feito tá feito! Vamos providenciar o casamento. Te peço, Maria, não estrague tudo. Não faça nada sem pensar. (*doce*) Pense no futuro de conforto e fartura que vai ter, filha. Foi no seu futuro que o seu paizinho pensou.

MARIA (*chora*) – Que futuro?

Sr. ALCEBÍADES (*nervoso*) – Agora eu não peço não, eu exijo! Chega de conversa! Vai casar e pronto! Não sou homem de voltar atrás com a minha palavra.

MARIA (*aflita*) – Não sei o que será de mim. (*sai correndo e soluçando; Inézia sai atrás*)

DONA IEDA – Ela só vai perceber o bem depois. Tenha paciência com ela! (*sai*)

Sr. ALCEBÍADES – Tenho paciência até demais. Hoje o dia foi cheio. (*pega o saquinho de moedas, ri sozinho*) Nada como o barulhinho de moedas pra me acalmar. (*sai*)

A luz fecha no palco. Pela platéia, entram 3 PEQUENOS JORNALEIROS, atores-jornais e atores-cartazes, com jornais e anunciando as manchetes, na platéia e depois no palco.

JORNALEIRO 1 – Extra! Extra! Olha A Noite! Está no hospital a mulher que engoliu um tijolo! Quem vai querer A Noite? Extra! Extra! Engoliu um tijolo! Extra!

JORNALEIRO 2 – Olha O Diário! Excelente reportagem sobre a morte do “coisa”! Não percam! A morte do “coisa”! Extra! Extra!

JORNALEIRO 3 – Olha a Folha do Dia! A Folha do Dia! O casamento do general! Vai ser hoje a grande festa! Não percam! Quem comprar a Folha do Dia ganha um convite pro casamento do general Orozimbão! (*acento musical*) Extra! Extra!

JORNALEIRO 1 – Olha A Noite! Não percam a reportagem do bebê que nasceu azul e com 10 quilos! Extra! O bebê gigante que nasceu azul! A Noite! A Noite!

JORNALEIRO 2 - O Diário! O Diário! Extra! Extra! O “pé de bode” ataca novamente! O homem com o “pé de bode” faz mais uma vítima no Centro! Não percam! Vai querer? O Diário! Extra! Extra! O “pé de bode” ataca! Extra! Olha O Diário!

JORNALEIRO 3 – A Folha do Dia! O casamento do generalíssimo Orozimbão! (*acento musical*) O viúvo mais cobiçado do país! Não percam! Quem comprar um jornal ganha um convite! Vai querer? Vai querer? (*os três sobem ao palco*) É hoje a maior festa da cidade! Extra! Extra! Não percam o casamento do general Orozimbão! (*acento musical; os três saem pelo palco; de fora se ouvem gritos*)

TODOS – Viva o general! Viva Maria! Viva o santo Orozimbão! (*acento musical*)

A luz abre na tenda, na casa de Maria. Entram, ao mesmo tempo, com movimentos sincronizados, como mamulengos, o casal e os convidados, em bloco, ao som da MARCHA NUPCIAL, em ritmo de samba, na batida lenta e cortante de enterro de sambista. O general, com o porrete na mão, ao lado direito de Maria, vestida de noiva, e os pais ao lado esquerdo da filha. Estão presentes todos os personagens e João, Tadeu e Santiago estão vestidos de mulher. Os cupins e pica-paus, pequenos, na mesma proporção dos mamulengos, sobrevoam os convidados na tenda. A música pára e o grupo fixa uma imagem – a primeira fotografia do baile de casamento – para o público. Todos sorriem, menos Maria. Depois, os músicos tocam os côcos, O TREM DE FERRO e TRÊS CÔCOS, e os bonecos dançam frenéticos, dando umbigadas e trocando de par.

TODOS – O trem de ferro

Quando sai de Pernambuco

Vai fazendo fuco-fuco,

Até chegar no Ceará. *(bis)*

Rebola, bola,

Você diz que dá que dá,

Você diz que dá na bola,

Mas na bola você não dá! *(bis)*

Rebola o pai,

Rebola a mãe, rebola a filha,

Eu também sou da família,

Também quero rebolar. *(bis)*

Três côco, “siricóia” miudinha – iú!

Três côco, “siricóia” miúda. *(bis)*

Passo pra aqui,
Passo pra ali,
Passo pro canto,
Eu daqui não me levanto,
Morro doido de apanhar. *(bis)*

Papai, cadê Maria?

Maria foi passear!

O passeio de Maria faz papai e mamãe chorar. *(bis)*

Eh! Eh! Eh! *(breque da música).*

Todos param com a música e compõem uma imagem – a segunda fotografia do baile de casamento. A luz abre sobre Orozimbão, que fala com o Sr. Alcebíades e Dona Ieda. Os outros ficam imóveis, apenas os personagens que dialogam se movimentam e gesticulam.

OROZIMBÃO *(feliz)* – Senhor Alcebíades! Foi um bom negócio. Agora tá mais tranqüilo?

Sr. ALCEBÍADES – Ora, general, A tranqüilidade financeira é questão de oportunidade.

DONA IEDA *(rindo)* – Tenho certeza que Maria será feliz com o senhor general.

(insinuante) Certeza absoluta! *(inclina-se para o general e balança os seios)*

OROZIMBÃO *(veemente)* – Comigo é assim. Se eu gosto, eu compro! Não há nada que não se possa comprar! *(solta um “traque” e ri; os outros reagem com nojo)*

A música volta, agora como uma valsa, BEIJINHO DOCE, instrumental. Os bonecos começam a dançar e a rodopiar. Corte e fusão do ambiente: a luz some na tenda e abre no palco e o rodopio dos bonecos funde-se com o rodopio dos atores. Todos, agora como atores, entram rodopiando e dançando. Maria dança com o general. A valsa pára e todos fixam outra imagem – a terceira fotografia do baile de casamento. João, Tadeu e Santiago conversam num canto e os outros continuam imóveis. Luz sobre os três conversando.

JOÃO (*com voz de mulher*) – Não vejo a hora de acabar logo com essa baboseira. Vocês não acham que é hora de falar com Maria?

TADEU (*voz feminina*) – Não. Senão o Orozimbão... (*acento musical baixinho*) Descobre, e acaba com a gente.

SANTIAGO (*com medo*) – Ele mata a gente de porretada. Espera mais um pouquinho.

TADEU – Não vejo a hora de acabar isso. A maquiagem já tá derretendo.

SANTIAGO – E esse vestido? Meus seios já estão caindo. Ai, esse salto alto...

TADEU – Ai, o lápis no meu olho... (*impaciente*) Vamos começar a confusão agora, João.

SANTIAGO – Nós avançamos no velho e nos filhos e você foge com a Maria na confusão.

JOÃO PEDRO – Calma, calma. Daqui a pouquinho a gente faz o combinado e tira as perucas. Deixa o baile esquentar mais. O negócio vai ferver aqui hoje. Ah, se vai.

A música volta com o baião, PEGA NA CINTURA DELA. As luzes abrem na tenda e no palco e os atores e bonecos cantam e dançam freneticamente, trocando de pares.

Pega na cintura dela,
Que o forró vai esquentar
E quem não dançar,
Não tem chorumela,
Vai segurar a vela,
Encostado na janela
Até o baile acabar. (*bis*)

Não fique aí parado no salão,
Com cara de quem comeu e não gostou.
Quem dança alegre o coração,
Então, pega na cintura dela
E chama a bela de flor. (*bis*)

Ai, como é bom dançar agarradinho,
Assim juntinho com tanto chamego.
Quando pego nessa cinturinha
É um bole bole, é um nheco nheco,
É um remelexo. *(bis)*

A música pára e todos, atores no palco e bonecos na tenda, param numa imagem – a quarta fotografia – e ficam imóveis durante o diálogo entre Maria e as amigas, atrizes.

MARIA *(triste)* – O que vai ser de mim com esse traste? Se o João estivesse aqui...

FÁTIMA – Ele não ia poder fazer nada. O general acabava com ele!

INÊS *(num sobressalto)* – Maria, reza pra acontecer uma desgraça com o general.

CRISTINA – O que é isso, Inês? Ninguém reza pra acontecer desgraça com os outros!

FÁTIMA *(profética)* – Não há problema no mundo que não tenha solução.

A música volta, instrumental, com o baião e pára com três umbigadas entre os presentes. Todos param e fixam a quinta fotografia da festa de casamento. A luz fecha na tenda. O general Orozimbão, ator, fica sozinho no meio da sala. Os cupins e pica-paus, no palco, voam acima dos convidados, que permanecem imóveis. Diante do general Orozimbão, os bonecos param e ameaçam picá-lo na cabeça. Começa o samba-de-roda ZUMZUM, instrumental. O ataque dos bonecos ao general é uma dança lenta, ritmada e marcada.

OROZIMBÃO *(afrito)* – Não! Cupins e pica-paus não! Tudo menos cupins! *(os bonecos o atacam na cabeça; bate com o porrete na própria cabeça; todos olham; cambaleia)*

OROZIMBUCHO – Sai, cupim! Sai pica-pau! Meu pai é sensível aos cupins e pica-paus!
(espanta os bonecos e bate com o porrete na cabeça do pai)

OROZIMBINHO *(nervoso)* – Sai, cupim! Sai pra lá, pica-pau! *(os cupins atacam a bunda do general; bate com o porrete na bunda do pai)*

Os cupins e os pica-paus atacam a cabeça do general, que tem um “tremelique”, cambaleia de um lado ao outro, com estardalhaço e rebuliço, e cai no chão, lentamente. Antes de dar o último suspiro, o general solta um último “traque” estrondoso. Todos se assustam e ficam imóveis em volta do general. Os bonecos sobrevoam a sala, pousam na cabeça do general, tiram os olhos dele e saem voando com os olhos nos bicos. João pega o porrete e ameaça bater na cabeça de Orozimbão, mas Tadeu não deixa.

JOÃO *(voz de mulher; batendo com os dedos na cabeça do general; som de madeira)* –

Esse salafrário não é gente! É um boneco de madeira. É oco. Sem coração.

TODOS *(assustados)* – O general Orozimbão... *(acento musical)* É de madeira!

TADEU *(voz feminina)* – O general não é gente! É de madeira. Santo do pau oco!

SANTIAGO *(voz feminina)* – O homem é uma fraude! Não tem tripa nem coração!

JOÃO – Não tem nem coração! É oco por dentro!

TODOS – O homem é oco! Vamos levar pra fazer fogueira! *(todos cantam o samba)*

Diz que bicho que come madeira

Também come os olhos de quem é mau. *(bis)*

Xô, cupim!

Xô, pica-pau!

Sai do oco do pau,

Vai pra longe de mim! *(bis)*

Zumzumzum!

Zumzum êh!

Bate bico, bate bicão,

Seu olho vai comer! *(bis)*

Todos erguem o general no alto, duro como boneco de madeira, saem com ele, lentamente, e a música pára. João, Tadeu e Santiago expulsam os filhos de Orozimbo a porretadas e tiram as roupas de mulher. Surpresa geral. Começa o maxixe PICA-PAU, instrumental. João e Maria dançam e todos fazem o mesmo. A música cresce, a luz abre na tenda e os bonecos também dançam freneticamente. As ações são simultâneas e se dão no palco, com os atores, e na tenda, com os bonecos. Maria e João param de dançar, a música faz uma parada marcante e dramática, todos param e olham os dois, que se beijam. O beijo acontece ao mesmo tempo, com os atores e os bonecos. Todos riem, suspiram alto ao mesmo tempo e ficam imóveis por alguns segundos, fixando a sexta e última fotografia da festa de casamento, com os atores e os bonecos. Ouve-se um apito longo e alto e começa o samba NA RODA DANÇA DO MUNDO. A luz cai na tenda e os atores no palco cantam enquanto trocam as roupas e vestem-se de marinheiros e atores navegantes. Depois, desfazem a tenda, fazem as malas e guardam os bonecos.

Acabou o Teatro da Roda Dança!

A barca do Teatro do Mundo vai zarpar!

Na roda dança tem criança,

Na dança de roda tem piá. *(bis)*

Fecha a roda dança que acabou a folia

O Teatro do Mundo vai navegar

Pra levar amor e alegria,

A roda dança do mundo não pode parar! *(bis)*

O teatro é mais que espelho

É lente de aumento, é janela,

É colocar cravo vermelho

Bonitinho na lapela

Pra dançar de madrugada
Com a morena mais bela. *(bis)*

O teatro é o grande livro do mundo,
O vento forte na vela,
É um ano num segundo,
Um mundo que se revela.
É uma grande presepada.
É a vida e o absurdo,
É rir de uma topada.
É o fato, a fita e a novela,
O mito, a lenda e o conto de fada. *(bis)*

Tem muito mar à vista! Levanta a vela! Olha a andança!

O Teatro do Mundo vai partir na barca grande!
O mundo gira e o Teatro da Roda Dança.
Vou pra bem longe, sou brincante navegante! *(bis)*

O Teatro do Mundo não dá o pão, mas mata a fome,
Com uma canção e contos de terras distantes. *(bis)*

A música continua instrumental. Depois de desmontar a tenda, todos sambam.

NARRADOR 1 - Respeitável público! Chegou a hora da despedida!

NARRADOR 2 – O momento da partida!

NARRADOR 1 – Quando se fala aquela palavra do alfabeto com cinco letras...

NARRADOR 2 – Que se diz ao outro na hora de viajar.

NARRADOR 1 – Adeus!

NARRADOR 2 – Adeus, adeus e boa viagem.

NARRADOR 1 – Isso quer dizer que um dia...

NARRADOR 2 – O Teatro do Mundo vai voltar. Somos um grupo de teatro internacional!

NARRADOR 1 – Vamos agora para Portugal! *(o samba pára; todos dançam o “vira”)*

TODOS – Raios! *(ficam imóveis)*

NARRADOR 2 – Depois vamos pra uma turnê na Espanha! *(os atores sapateiam)*

TODOS – Olé! *(ficam imóveis; o samba volta)*

NARRADOR 1 – Respeitável público! Esse foi o... *(com o narrador 2)* Teatro do Mundo!

TODOS *(na pulsação do samba)* – Teatro do Mundo! Teatro do Mundo! Teatro do Mundo!

O samba pára, os atores fixam uma imagem para o público. O narrador 1 apita, todos tiram um lenço e cantam o côco NAS ONDAS DO MAR, com palmas e batidas de pé.

É hora de ir embora – É hora!

Adeus e boa viagem – É hora! *(bis)*

Até logo, até breve, *(nas ondas do mar)*

Um dia vamos voltar, *(nas ondas grandes do mar)*

Que o vento nos leve *(nas ondinhas do mar)*

Em paz pra outro lugar. *(bis)*

Adeus é triste pra quem fica *(na beirinha do mar)*

Faz quem parte chorar. *(no meio do mar)*

É hora da despedida *(na beira do mar)*

A barca vai navegar. *(bis)*

Os atores cantam e dançam espalhados pelo palco, dando umbigadas e batendo palmas e pés. Depois fecham a música com três umbigadas e três gritos, no ritmo do côco.

TODOS – Eh! Eh! Eh!

Os atores *fixam uma imagem final de despedida, acenando lenços ao público. O narrador 2 dá três apitos longos e os atores montam a barca com o pano vermelho, levantam o estandarte como uma vela, pegam as malas e cantam a marcha-rancho SAUDADE*

Ôôôô! É hora! Vamos embora que a barca no cais apitou!

Ôôôô! É agora! A triste hora do adeus, meu amor. *(bis)*

No coração ficou um *zumzumzum*

A saudade bate forte, bate num *baticum*. *(bis)*

Quando verei os olhinhos do meu bem?

Levanta a vela e chama o vento!

Eu sinto um aperto no peito

De saudade de alguém. *(bis)*

Adeus, morena da rosa amarela!

Adeus, loirinha do diadema!

Adeus, princesa de ébano, minha mulata!

Vou com saudade de todas elas

Mas vou com pena

Por não ver mais a lua de prata. *(bis)*

Ôôôô! É hora! Vamos embora que a barca no cais apitou!

Ôôôô! É agora! A triste hora do adeus, meu amor. *(bis)*

Os atores navegantes saem na barca grande cantando e acenando os lenços.

FIM DO SEGUNDO E ÚLTIMO ATO

CORAÇÃO DIAMANTE

Presepada em Dois Atos e Uma Chegança.

Teatro da Roda Dança – Teatro Musical – Palco e Rua

Teatro para a infância e a juventude

LUIS CARLOS RIBEIRO DOS SANTOS – Luiz Carlos Laranjeiras

santosreis@ig.com.br – lcsantosreis@hotmail.com – (11) 3726 2938

Novembro – 2007